

V Congresso de Arqueologia Interior Norte e Centro de Portugal



V Congresso de Arqueologia Interior Norte e Centro de Portugal

**FIGUEIRA DE CASTELO RODRIGO, MEDA,
PINHEL E VILA NOVA DE FOZ CÔA,
13 A 16 DE MAIO DE 2009**

Dando continuidade aos congressos que a ACDR de Freixo de Numão e o Parque Arqueológico do Vale do Côa têm vindo a organizar, realizou-se entre 13 e 16 de Maio de 2009 o 5.º Congresso de Arqueologia, que procurou divulgar e debater a investigação que decorre na região. A Direcção Regional de Cultura do Norte juntou-se à iniciativa, promovendo a edição das Actas das Sessões, essencial para a real divulgação dos conteúdos, valorização do património e dos conhecimentos.

Sessões:

- ▶ Arte Rupestre e Pré-História
 - ▶ Proto-História e Romanização
 - ▶ O Período Medieval e Pós-Medieval
 - ▶ Museus e Dinâmica Cultural das Regiões
-

Organização do Congresso:

Parque Arqueológico do Vale do Côa
Associação Cultural, Desportiva e Recreativa de Freixo de Numão

Apoio à Organização e Entidades financiadoras:

Câmara Municipal de Vila Nova de Foz Côa
Câmara Municipal de Meda
Câmara Municipal de Pinhel
Câmara Municipal de Figueira de Castelo Rodrigo

Entidades financiadoras da Edição:



União Europeia
FEDER
Investimentos no seu futuro

Fotografias capa:

ANTÓNIO MARTINHO BAPTISTA,

DALILA CORREIA,

JOÃO ROMBA,

JOSÉ PAULO RUAS,

MÁRIO REIS

JPR	JPR	JPR	JR
JR	JPR	JPR	JPR
DC	AMB	JPR	MR

Em 2003 a Associação Cultural, Desportiva e Recreativa de Freixo de Numão organizou o primeiro Congresso de âmbito regional que viria a ter continuidade nos anos seguintes. Em 2006, o Parque Arqueológico do Vale do Côa e o Centro Nacional de Arte Rupestre associaram-se à organização e as três entidades, com o decisivo apoio dos municípios de Figueira de Castelo Rodrigo, Pinhel e Vila Nova de Foz Côa, organizaram o 3.º Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior. O Congresso decorreu entre 16 e 18 de Maio de 2006 naqueles três municípios, integrando 6 sessões. As actas foram publicadas numa edição viabilizada pela AIBT do Vale do Côa.

O 4.º Congresso revestiu-se de um formato diferente, um Fórum de Valorização e Promoção do Património Regional, que teve lugar nos dias 28, 29 e 30 de Junho de 2007, nos municípios de Figueira de Castelo Rodrigo, Meda, Pinhel e Vila Nova de Foz Côa, os quatro concelhos que integram o Parque Arqueológico. As actas foram publicadas pela ACDR de Freixo de Numão, com financiamento da AIBT do Vale do Côa e das autarquias envolvidas.

Em 2009, de 13 a 16 de Maio, realizou-se, nos mesmos municípios, o 5.º Congresso de Arqueologia do Interior Norte e Centro de Portugal, organizado pela ACDR de Freixo de Numão e Parque Arqueológico do Vale do Côa cujas actas são agora dadas à estampa pela Direcção Regional de Cultura do Norte.



título

Actas do V Congresso de Arqueologia – Interior Norte e Centro de Portugal

coordenação

Miguel Areosa Rodrigues
Alexandra Cerveira Lima
André Tomás Santos

autores

AA VV

capa

Ana Sarmento

composição gráfica

Ana Sarmento

data de edição

1.ª edição, Dezembro de 2011

ISBN

978-989-658-184-8

depósito legal

?????/??

edição



Caleidoscópico – Edição e Artes Gráficas, S.A.

Rua de Estrasburgo, 26 – R/c Drt.º

2605-756 Casal de Cambra · Portugal

Tel.: (351) 21 981 79 60 · Fax: (351) 21 981 79 55

e-mail: caleidoscopio@caleidoscopio.pt

www.caleidoscopio.pt

DIRECÇÃO REGIONAL
DE CULTURA DO NORTE

Apoios



União Europeia
FEDER
Investimos no seu futuro

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	7
INTRODUÇÃO.....	9
PROSPECÇÃO DA ARTE RUPESTRE DO CÔA: PONTO DA SITUAÇÃO EM MAIO DE 2009 Mário Reis.....	11
CRUZANDO OCUPAÇÕES PRÉ-HISTÓRICAS E ARTE RUPESTRE NO VALE DA RIBEIRA DO MOSTEIRO: DADOS DA PRIMEIRA CAMPANHA S.S. Figueiredo, R. Gaspar, P. Xavier.....	125
UMA OCUPAÇÃO DO NEOLÍTICO FINAL/CALCOLÍTICO NA QUINTA DE SÃO TIAGO (DOMINGUIO – COVILHÃ) Júlio Manuel Pereira, António Sérgio dos Santos Pereira.....	161
AS CERÂMICAS DO TERCEIRO E SEGUNDO MILÉNIOS A. C. DE CASTANHEIRO DO VENTO (HORTA DO DOURO, VILA NOVA DE FOZ CÔA) Ângela Carneiro.....	187
INDÍCIOS DE VITRIFICAÇÃO DA MURALHA PROTO-HISTÓRICA DO SABUGAL VELHO Marcos Osório, Paulo Pernadas.....	219
OUTEIRO LESENHO (BOTICAS): INTERVENÇÕES RECENTES NO POVOADO PROTO-HISTÓRICO Carla Maria Braz Martins, Gonçalo Passos Correia da Cruz, João Fonte.....	239
ARTE RUPESTRE DE BRITEIROS. INVESTIGAÇÃO E POSSÍVEL MUSEALIZAÇÃO Gonçalo Passos Correia da Cruz, Daniela Dolores Faria Cardoso.....	255
UMA “NOVA VIA” NA VELHA REDE VIÁRIA ROMANA DE MANGUALDE António Luís Marques Tavares.....	273
EXPLORAÇÕES AURÍFERAS NO ALTO DOURO PORTUGUÊS (ENTRE A FOZ DO RIO TUA E BARCA DE ALVA) Francisco Sande Lemos, Carla Maria Braz Martins.....	293
“PELA BEIRA INTERIOR NO SÉCULO I D. C. – DAS CAPITAIS DE <i>CIUITATES</i> AOS <i>UICI</i> , ENTRE O PÔNSUL E A ESTRELA” Pedro C. Carvalho.....	317

VALE DO MOURO (CORISCADA – MÊDA) – PONTO DA SITUAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO DE 2003 A 2009 António Sá Coixão, Tony Silvino, Pedro Abrunhosa Pereira.....	335
O SÍTIO ARQUEOLÓGICO DE S. GENS (SANTA MARIA, CELORICO DA BEIRA) – NOTÍCIA PRELIMINAR DA CAMPANHA DE TRABALHOS ARQUEOLÓGICOS REALIZADA EM 2008 António Carlos Marques, Catarina Tente.....	339
O MONTE DA SR. ^a DO CASTELO EM TEMPOS MEDIEVOS. ANÁLISE DO ESPÓLIO EXUMADO Carla Maria Braz Martins.....	357
GEOGRAFIAS E ESTRATIGRAFIAS INTERPRETATIVAS DO ESPAÇO CONSTRUÍDO DOS PAÇOS (SÉCS. XV-XVI) Salete da Ponte, Rui Ferreira, Maria José Bento.....	379
A ARQUEOLOGIA ICONOGRÁFICA DA (I) MATERIALIDADE DOS ARTEFACTOS CERÁMICOS DA “PEDRO DIAS” Salete da Ponte, Judite Miranda, Ricardo Triães, Rosa Vieira.....	387
A ABERTURA DO TÚNEL DE LA CARRETERA NO ÂMBITO DA CONSTRUÇÃO DA FERROVIA DO DOURO EM TERRITÓRIO SALMANTINO: ABROLHOS E SOLUÇÕES COM UM TERRÍVEL DESASTRE DE PERMEIO Carlos d’Abreu, Emilio Rivas Calvo.....	397
O CINEMA NO DISTRITO DA GUARDA – NOTAS PARA UMA ARQUEOLOGIA DA COMUNICAÇÃO António Alberto Rodrigues Trabulo.....	439
ESBOÇO DE UMA POLÍTICA EDUCATIVA PARA O MUSEU DO CÔA Marta Mendes.....	463
PROJECTO DE CRIAÇÃO DE NÚCLEOS MUSEOLÓGICOS E/OU CENTROS DE INTERPRETAÇÃO NA ÁREA DOS CONCELHOS DE VILA NOVA DE FOZ CÔA E MÊDA António do Nascimento Sá Coixão, Sandra Naldinho.....	479
O MUSEU DO SABUGAL E O SEU PAPEL NA DINÂMICA CULTURAL DO VALE DO CÔA Carla Augusto, Jorge Torres.....	507
AS EXPECTATIVAS DA “RENTABILIDADE SOCIAL” DA PAISAGEM NO ÂMBITO DA GESTÃO DO PATRIMÓNIO DAS “PAISAGENS/ESPAÇOS CULTURAIS” José Paulo Francisco.....	519
CARTAS ARQUEOLÓGICAS E CARTAS PATRIMONIAIS COMO INSTRUMENTOS DE GESTÃO TERRITORIAL. A PERTINÊNCIA, OU NÃO, DE LEGISLAÇÃO ESPECÍFICA? Fernando Pau-Preto.....	533

O MONTE DA SR.^a DO CASTELO EM TEMPOS MEDIEVOS. ANÁLISE DO ESPÓLIO EXUMADO

Carla Maria Braz Martins*

Resumo

O castro fortificado da Sr.^a do Castelo localiza-se em Urros, Torre de Moncorvo, Bragança, Portugal.

No decorrer de um conjunto de intervenções arqueológicas, já terminadas, com o objectivo de caracterizar as diversas ocupações do local, deparamo-nos com um enterramento de época medieval, associado a uma estrutura que poderá corresponder a uma igreja da mesma época. A análise antropológica aos indivíduos exumados, sexo masculino e crianças, revelou dados interessantes quanto às doenças que detinham à hora da sua morte, nomeadamente a tuberculose que afectou grande parte dos indivíduos, podendo com os dados recolhidos, ser confirmada a sua existência em crianças.

Do mesmo modo, as análises efectuadas aos artefactos metálicos recolhidos permitiram avaliar as respectivas composições químicas, contribuindo para a sua caracterização tecnológica.

Palavras-chave: medieval, enterramentos, análises antropológicas e por X (XRF).

Abstract

The fortified site of Sr.^a do Castelo is located in Urros, Torre de Moncorvo, Bragança, Portugal.

After several archaeological interventions, already finished, which aim was the characterization of the site, it was discovered a medieval burial, associated to a structure that can correspond to a small Christian temple. The anthropological analysis to the exhumed individuals, masculine and children, revealed interesting data concerning the diseases at the hour of their death, namely the tuberculosis, being able to confirm its existence in children.

* Investigadora do CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória, financiado por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do projecto PEst-OE/HIS/UI4059/2011.

In the same way, the analysis of the metallic artefacts collected, allowed their chemical and technological characterization.

Keywords: medieval, burial site, anthropological analyses and by X (XRF).

1. Introdução

O monte da Sr.^a do Castelo localiza-se na freguesia de Urros, concelho de Torre de Moncorvo, distrito de Bragança (Fig. 1).

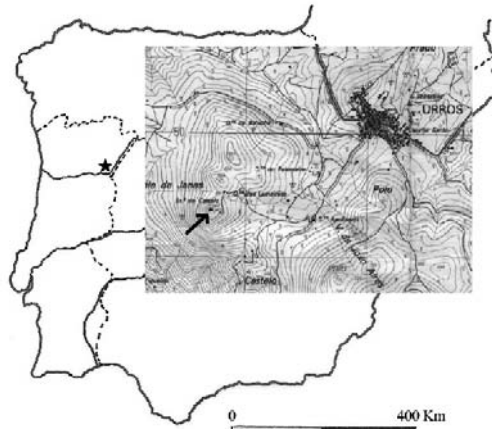


Fig. 1 – Localização do monte da Sr.^a do Castelo na Carta Militar de Portugal 1/25 000, folha 141.

Está-se perante um povoado fortificado em altura (Fig. 2), com uma ocupação desde a época calcólica à medieval, tendo já sido apresentados trabalhos referentes à Proto-História e romanização deste castro (Martins, 2002, 2008a, 2008b).

A época medieval em Urros encontra-se bem documentada na bibliografia, tendo sido um local com um papel relevante no plano reordenador da Monarquia, e como tal recebido Carta de Foral em 1182 concedida por D. Afonso Henriques.

De facto, desde finais do séc. IV, perante uma instabilidade política, vive-se um fenómeno de ruralização da sociedade e de utilização de redutos defensivos nos topos de montes.

Assim sendo, o topo do proeminente monte da Sr.^a do Castelo transformou-se num lugar sagrado, tendo sido aí construídos uma igreja e uma necrópole.

A estrutura detectada no decorrer das intervenções arqueológicas (Fig. 3), e interpretada como uma igreja de meados do séc. XII, tem uma planta não muito comum, dada a sua orientação W-E, podendo ter como paralelo geográfico mais próximo a primitiva igreja do Prazo em Freixo de Numão (Coixão, 1999, pp. 53 e 60-61).

Esta igreja articula-se com uma necrópole datada da segunda metade do séc. XII / inícios do séc. XIII, em que até ao momento foram detectados dezoito enterramentos por inumação, onze dos quais exumados, num total de doze indivíduos (Fig. 4).

As sepulturas apresentam uma forma rectangular com cantos arredondados, ou ovaladas, escavadas na rocha e/ou em terra e argila (Tabela 1).



Fig. 2 – O monte da Sr.ª do Castelo.

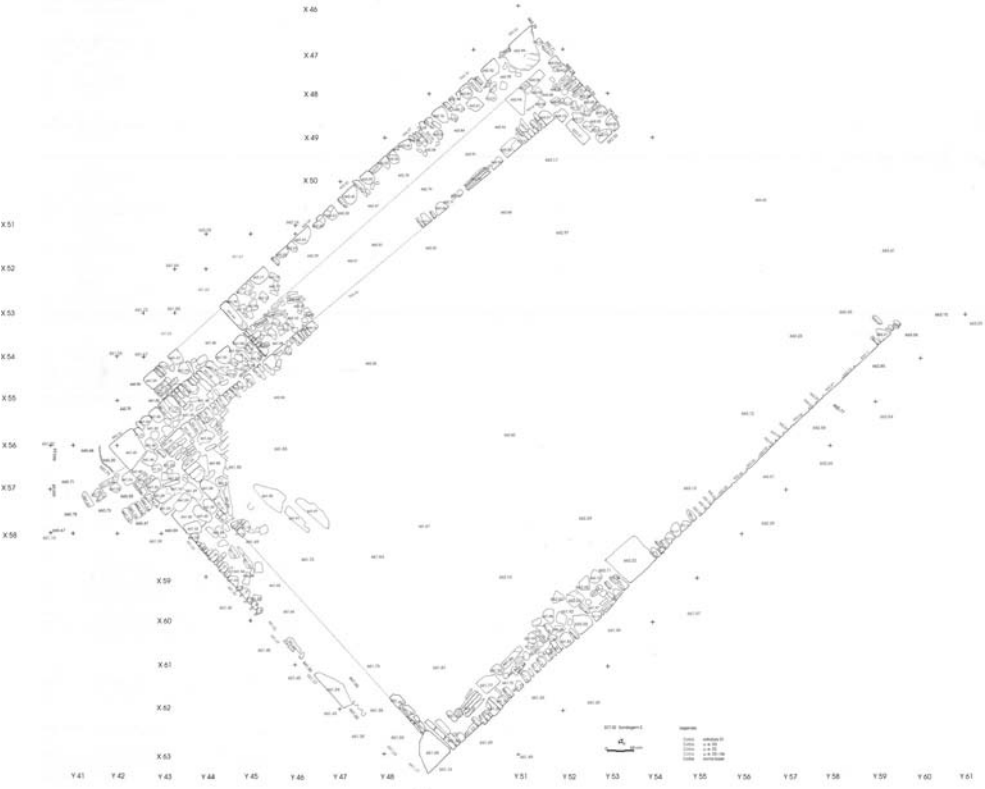


Fig. 3 – Planta da estrutura interpretada como igreja.



Fig. 4 – Desenho dos esqueletos exumados.

Tabela 1 – Tipologia das sepulturas

Ent. n.º	Tipologia	Materiais	Cobertura	Comp. interior	Larg. máx. interior	Prof. interior	Cabeceira
I	sepultura rectangular com cantos arredondados aberta na terra, cama feita de pedras miúdas	terra, xisto		2,04 m	0,56 m	0,21 m	Apoio lateral
II	sepultura ovalada aberta na rocha	xisto		0,53 m	0,13 m	0,05 m	
III	sepultura rectangular com cantos arredondados aberta na rocha	xisto	lajes em xisto	0,81 m	0,15 m	0,07 m	
IV	sepultura rectangular com cantos arredondados assente em terra aproveitando a rocha base	xisto	lajes em xisto	1,77 m	0,39 m	0,10 m	Apoio lateral e uma laje sob queixo
V	sepultura rectangular aberta na rocha	xisto	lajes em xisto	0,76 m	0,35 m	-	
VI	sepultura rectangular com cantos arredondados aberta na rocha	xisto	lajes em xisto	1,45 m	0,33 m	0,21 m	Apoio lateral
VII	sepultura rectangular com cantos arredondados aberta na rocha	xisto	lajes em xisto	0,82 m	0,19 m	0,10 m	Apoio lateral
VIII	sepultura rectangular com estrutura em pedras	xisto	lajes em xisto e frag. imbrex	0,78 m	0,20 m	0,12 m	
IX	sepultura rectangular com cantos arredondados aberta na terra			1,03 m	0,40 m	0,15 m	Apoio lateral
X	sepultura rectangular com cantos arredondados aberta na terra		lajes em xisto	1,80 m	0,80 m	0,20 m	Apoio lateral
XI	sepultura rectangular com cantos arredondados aberta na rocha	xisto	lajes em xisto	1,60 m	0,44 m	0,25 m	Apoio lateral
XII	sepultura de forma rectangular com cantos arredondados aberta na rocha	xisto	lajes em xisto	-	-	-	-
XIII	sepultura de forma rectangular com cantos arredondados aberta na rocha	xisto	lajes em xisto	-	-	-	-
XIV	sepultura de forma rectangular com cantos arredondados aberta na rocha	xisto	lajes em xisto	-	-	-	-
XV	sepultura de forma rectangular com cantos arredondados aberta na rocha	xisto	lajes em xisto	-	-	-	-
XVI	sepultura de forma rectangular aberta na rocha	xisto	lajes em xisto	-	-	-	Apoio lateral
XVII	-	-	lajes em xisto	-	-	-	-
XVIII	-	-	lajes em xisto	-	-	-	-

Os indivíduos dos enterramentos XII a XVIII não foram exumados.

Todos os enterramentos apresentam uma orientação W-E, podendo-se verificar um certo antropomorfismo, que se traduziu numa preocupação de amparar o crânio de modo a que este não se movesse e mantivesse um olhar no céu (Tabela 2).

Tabela 2 – Caracterização dos enterramentos

N.º ent.	Comp. (m)	Larg. (m)	Prof. (m)	Posição dos braços	Posição das pernas	Posição do crâneo
I	1,63	0,43		braço esquerdo cruzado sobre peito em ângulo de 45°, o direito sobre peito em ângulo de 90°	esticadas e paralelas	voltado a N
II	0,52	0,13				voltado a N
III	0,81	0,15		braço esquerdo cruzado sobre peito em ângulo de 45°, o direito sobre peito em ângulo de 90°	esticadas e paralelas	voltado a SE
IV	1,77	0,39		braço esquerdo sobre peito em ângulo de 90°, o direito sobre peito em ângulo de 45°	esticadas e paralelas	voltado a N
V	0,76					
VI	1,45	0,30		ambos cruzados sobre o peito a 90°, mas o direito está paralelo e acima do esquerdo	paralelas, a direita está esticada, a esquerda está ligeiramente flectida de encontro à direita	de frente
VII	0,82	0,17		braço esquerdo cruzado a 45° sobre peito, direito sobre peito a 90°	esticadas e paralelas	voltado a SE
VIII	0,72	0,17	0,10	braço esquerdo ligeiramente distendido a 135°, direito cruzado sobre peito a 45°	paralelas, mas direita ligeiramente flectida para fora	de frente
IX	0,83					
X	1,66	0,75		ambos os braços distendidos a um ângulo de 135°	esticadas e paralelas, com o pé direito sobre o esquerdo	voltado a N
XI	1,40	0,42		braço esquerdo sobre peito a um ângulo de 45°, direito sobre peito a ângulo de 90°	esticadas e paralelas	

Ent. XI – apresenta sinais de violação.

O clima de instabilidade vivida ao longo do período da Reconquista transformou este espaço predominantemente sagrado num palco de confrontos políticos, sendo que Urros, tal como quase toda a província de Trás-os-Montes, acaba por ser invadida por D. Afonso IX de Leão, no seguimento de diversas guerras nomeadamente entre 1196-97 e 1199-1200 (Moreno, 1992, p. 25).

Deste modo, justifica-se a presença de materiais desta época a saber um dinheiro de D. Afonso IX (1155-1188) e de uma ponta de virote em ferro, assim como uma necessidade urgente de amuralhar o recinto da Sr.^a do Castelo. A primeira linha de muralhas, com 2,5 m de largura, encontra-se muito bem estruturada, sendo constituída por pedras de tamanho médio e grande, dispostas de leito e numa disposição horizontal e vertical, para um melhor suporte da mesma, existindo argamassa entre as diferentes fiadas não muito regulares (Fig. 5). A sua datação terá de ser posterior aos inícios do Séc. XIII.



Fig. 5 – Primeira linha de muralhas.

2. Análise do material exumado

O *material osteológico* analisado corresponde aos onze enterramentos exumados, tendo sido efectuado o seu estudo antropológico pela BioAnthropos, que revelou (Tabela 3):

Tabela 3 – Características dos indivíduos exumados

N.º enterramento	Sexo	Idade	Estatura
I	M	30-40 anos	168 cm ± 6,9 cm
II	-	± 2 meses	-
III	-	3 anos ± 12 meses	-
IV	M	18-21 anos	-
V	-	3 anos ± 12 meses	-
VI	M	40-50 anos	156 cm ± 6 cm
VII	-	2 anos ± 2 meses	-
VIII	-	18 meses ± 6 meses	-
IX	-	2 anos ± 8 meses	-
	-	3 anos ± 12 meses	-
X	M	40-50 anos	160 cm ± 6,9 cm
XI	M(?)	15 anos ± 36 meses	-

Os resultados obtidos pelo estudo supra-mencionado, revelaram uma mortalidade infantil elevada para a amostragem em causa, comum na época em questão, dado que todo o sistema económico se baseava numa agricultura sujeita aos caprichos da natureza e numa constante carestia de produtos essenciais – pão (Le Goff, 1990, p. 93).

A mesma justificação existirá para compreender as doenças existentes à hora da morte, nomeadamente stress fisiológico (anemia), stress nutricional ou anemia de origem genética, consequência das privações sofridas, e doenças pulmonares (tuberculose) resultantes de um corpo nutricionalmente enfraquecido e sem defesas.

A análise do *espólio metálico* revelou as seguintes peças (Figs. 6-8):

1. Prego (prospecção 18/7/1996)

Descrição: Prego em cobre com cabeça quadrangular revestida por uma lâmina de ouro. O pé do prego tem a secção quadrangular muito irregular. A extremidade do pé encontra-se ligeiramente revirada. A altura do pé tem 23,80 mm e a sua espessura máxima é de 4,69 mm. A cabeça quadrangular tem as seguintes dimensões: 18,35 mm X 18,63 mm. O comprimento máximo do prego é de 26,14 mm e o peso 5,75 g.

2. Fusilhão (SCT 00 SB1 06 n.º 8)

Descrição: Fusilhão de fíbula em cobre, recoberto com uma fina lâmina de ouro. Encontra-se decorado com motivos geométricos de linhas horizontais paralelas incisas, e por pequenos quadrados impressos entre duas linhas horizontais paralelas. A profundidade do traço é de 0,12 mm. Apresenta um comprimento máximo de 25,12 mm, largura máxima de 6,0 mm, espessura máxima de 1,42 mm e peso de 1,77 g.

3. Ponta de virote (SCT00 SB2 00 n.º 24)

Descrição: Ponta de virote em ferro, com cabeça piramidal de secção quadrangular com um pé semicircular aberto em meia cana. A boca também se encontra aberta em meia cana. Apresenta um comprimento máximo de 64,79 mm, largura máxima de 9,07 mm, espessura máxima de 8,08 mm e peso de 11,45 g.

4. Prego (SCT00 SB1 04 n.º 2)

Descrição: Prego em ferro com cabeça rectangular e pé de secção rectangular. Apresenta um comprimento máximo de 33,87 mm, largura máxima de 12,32 mm, espessura máxima de 4,86 mm e peso de 2,57 g.

5. Prego (SCT00 SB1 04 n.º 2)

Descrição: Prego em ferro com cabeça rectangular e pé de secção quadrangular. Apresenta um comprimento máximo de 37,29 mm, largura máxima de 10,46 mm, espessura máxima de 5,27 mm e peso de 2,64 g.

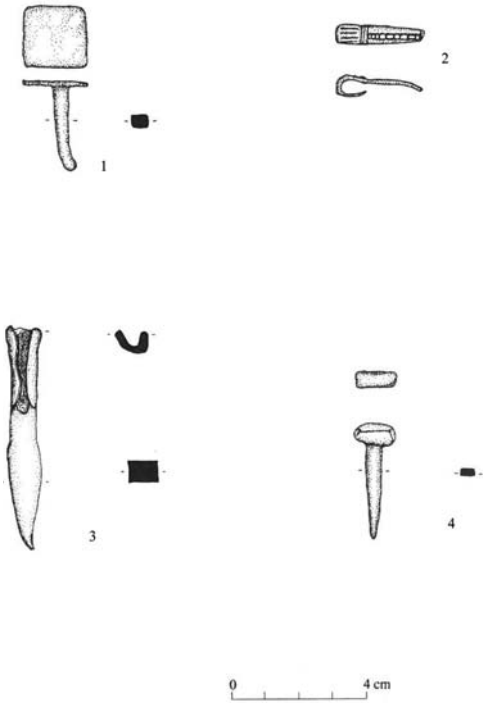


Fig. 6 – Desenho de materiais metálicos.

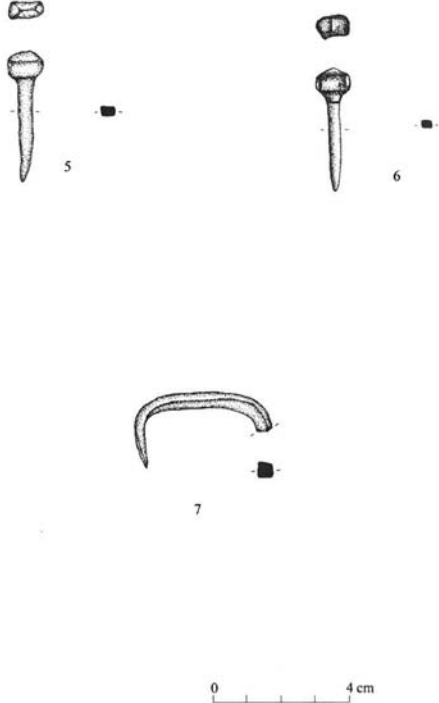


Fig. 7 – Desenho de materiais metálicos.

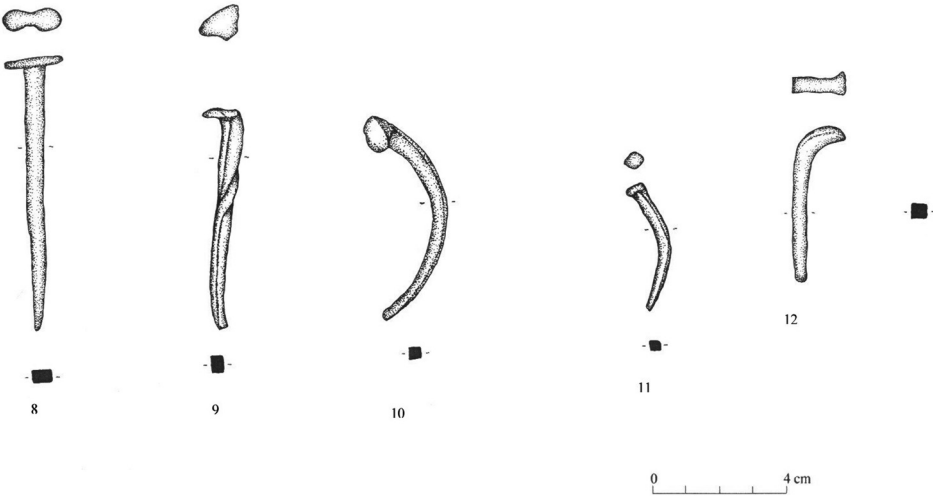


Fig. 8 – Desenhos de materiais metálicos.

6. Prego (SCT00 SB1 06 n.º 7)

Descrição: Prego em ferro com cabeça rectangular e pé de secção quadrangular afunilando para a ponta. Apresenta um comprimento máximo de 34,66 mm, largura máxima de 9,77 mm, espessura máxima de 6,98 mm e peso de 2,51 g.

7. Prego (SCT02 SE 00)

Descrição: Prego em ferro sem distinção de cabeça e pé. Secção quadrangular. com uma ponta afiada. Encontra-se revirado em ambas as extremidades. Apresenta um comprimento máximo de 38,85 mm, largura máxima de 18,16 mm, espessura máxima de 4,36 mm e peso de 3,58 g.

8. Prego (SCT02 SE 00)

Descrição: Prego em ferro com cabeça ovalada e pé de secção rectangular. Apresenta um comprimento máximo de 78,27 mm, largura máxima de 16,62 mm, espessura máxima de 4,48 mm e peso de 7,02 g.

9. Prego (SCT02 SE 00)

Descrição: Prego em ferro com cabeça trapezoidal e pé de secção rectangular. Apresenta-se totalmente torcido. Apresenta um comprimento máximo de 63,68 mm, largura máxima de 12,23 mm, espessura máxima de 8,98 mm e peso de 6,85 g.

10. Prego (SCT02 SE 00)

Descrição: Prego em ferro de cabeça ovalada e pé de secção quadrangular. Apresenta um comprimento máximo de 58,27 mm, largura máxima de 10,07 mm, espessura máxima de 5,22 mm e peso de 4,62 g.

11. Prego (SCT02 SE 00)

Descrição: Prego em ferro com cabeça quadrangular e pé de secção quadrangular. Apresenta um comprimento máximo de 36,53 mm, largura máxima de 4,64 mm, espessura máxima de 4,34 mm e peso de 1,45 g.

12. Prego (SCT01 SE 02 n.º 18)

Descrição: Prego em ferro com pé de secção quadrangular afunilando em direcção à ponta. Cabeça no prolongamento do pé (contínua) tendo sido feita apenas com o dobramento da parte superior do prego. A cabeça adelgaça na extremidade e depois alarga em direcção ao pé. Apresenta um comprimento máximo de 45,37 mm, largura máxima de 4,56 mm, espessura máxima de 4,95 mm e peso de 4,67 g.

Todas estas peças se enquadram cronologicamente entre o Séc. XII e XIII.

Salientam-se o prego n.º 1 e o fusilhão n.º 2 por terem tido um banho de ouro; assim as análises realizadas na Contrastaria do Porto através da espectroscopia de fluorescência de raios X (XRF – Spectro X-Test, com uma profundidade de campo de 3 µm, revelaram os seguintes elementos químicos:

- n.º 1 – prego: Cu 89,90, Au 7,66, Zn 0,60 e Ca 1,84. Os valores apresentados são relativos à lâmina do prego, já que o seu pé é constituído quase exclusivamente por cobre.
- n.º 2 – fusilhão: numa zona de banho de ouro os elementos detectados foram o Cu 77,86, Au 16,16, Zn 0,57, Ca 4,28 e Pb 1,14; e numa área sem banho Cu 92,50, Pb 3,50 e Ca 3,99.

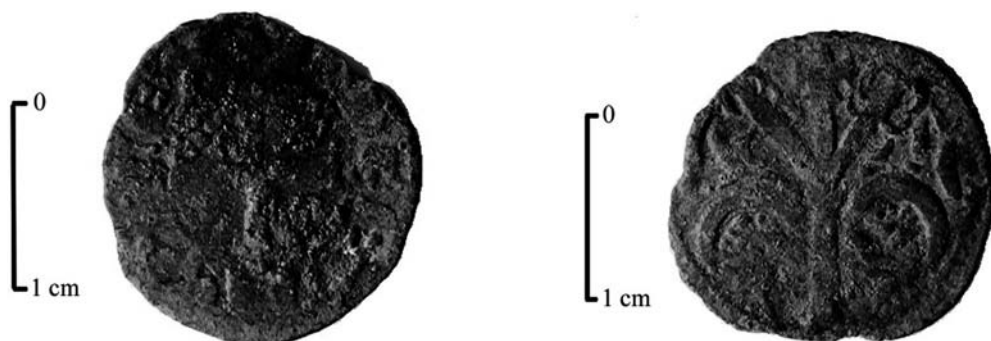


Fig. 9 – Dinheiro de D. Afonso IX (anverso e reverso).

Em relação ao *material numismático* (Fig. 9):

13. Identificação: numisma

n.º inv.: S. B1 00, *n.º reg.* 29

Descrição: Dinheiro; bolhão; Afonso IX de Leão.

Anv.: + A(L)DEF(O)NS.REX

Cruz equilateral, cantonada por flores.

Rev.: Árvore encimada por cruz e decorada por florões, ladeada por dois leões.

Exergo:

Peso: 0,71 g

Dimensões: diâmetro máx. 18,27 mm, e mínimo 17,01 mm.

Eixo: 12

Cronologia: 1155-1188.

Bibliografia: HEISS 1962, n.º 8, p. 21 Est 3.

A composição deste artefacto enquadra-se na classe das ligas de Cu-Ag, admitindo-se que o teor de prata possa variar entre os 30-33%.

No que diz respeito ao *material cerâmico*, não é muito abundante, encontrando-se disperso pelas diversas sondagens (Tabela 4), havendo uma maior “concentração” na sondagem B e B1 relacionada com a implantação da necrópole, e sondagem C com a muralha.

Tabela 4 – Material cerâmico

Sondagem	U.E.	Materiais medievais	Total por S.:
S.B	00	3	
	01	1	
			4
S.B1	00	1	
	01	1	
	04	4	
	05	1	
	06	2	
			9
S.C	00	4	
	02	2	
	03	1	
			7
S.F	00	1	
			1
Total:			21

No que diz respeito à análise cerâmica, e contrariamente ao sucedido com os materiais de épocas anteriores, predominam as cozeduras em ambiente redutor, com se pode verificar no inventário que se segue (Fig. 10-13):

14. Cerâmica comum (SCT 00 SB 00)

Descrição: Fragmento de fundo de pasta beje claro (SA2), com fina mica e grãos de quartzo e feldspato. Feito à roda, cozedura fraca em ambiente oxidante.

15. Cerâmica comum (SCT 00 SB 00)

Descrição: Fragmento de fundo de vaso de pasta acastanhada compacta (SA4), muito rara mica, feldspato e quartzo. Patine interior cinzenta escura (SD1), resultante de uma pré-cozedura. Feito à roda, com cozedura em ambiente oxidante.

16. Cerâmica comum (SCT 00 SB 00)

Descrição: Fragmento de fundo de pasta castanha acinzentada (SB2) com fina mica, e finos grãos de quartzo e feldspato. Feito à roda, fraca cozedura em ambiente oxidante.

17. Cerâmica comum (SCT 00 SB 01)

Descrição: Fragmento de arranque superior de asa em larga fita, com o dorso aplanado e vestígios de decoração incisa no dorso e dedadas de compressão na colagem ao bordo. Pasta cinzenta (SD2), grosseira, arenosa e compacta, com mica, quartzo e feldspato; apresenta uma patine (SE1). Boa cozedura em ambiente redutor.

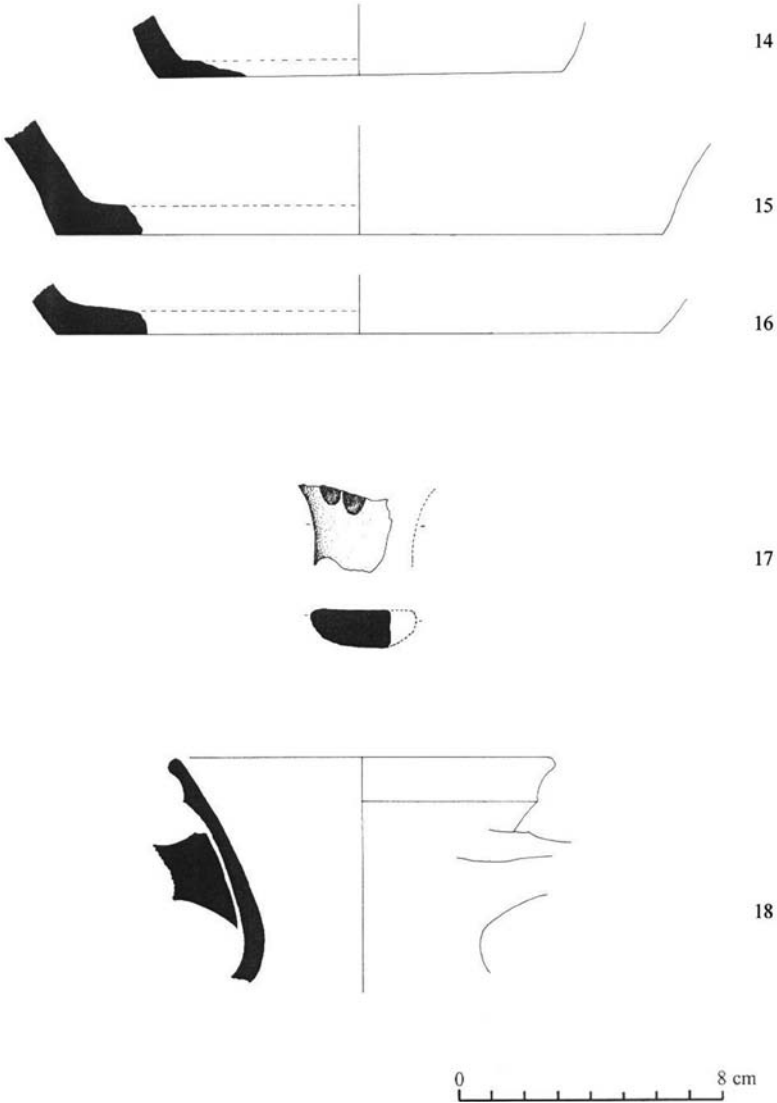


Fig.10 – Desenho dos materiais cerâmicos.

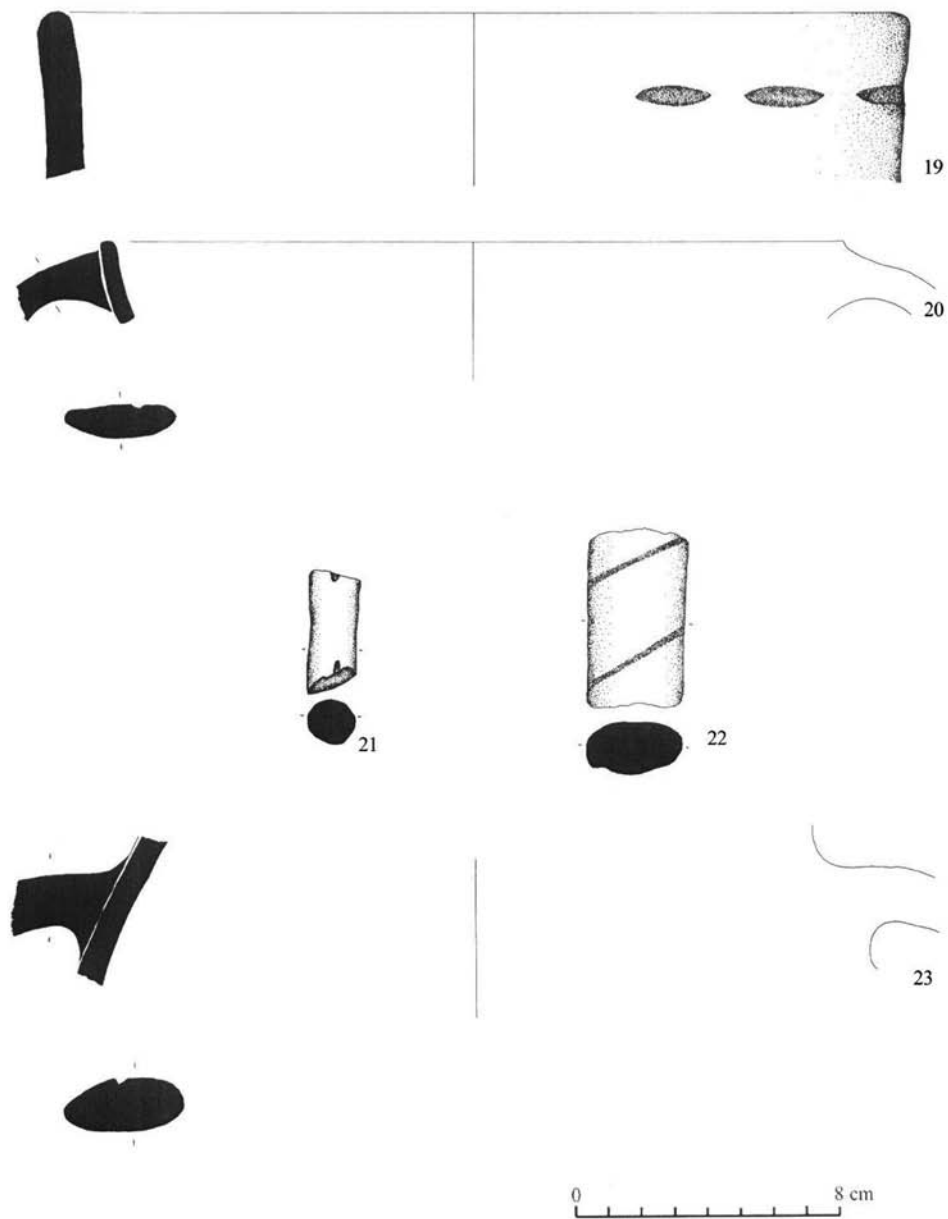


Fig. 11 – Desenho dos materiais cerâmicos.

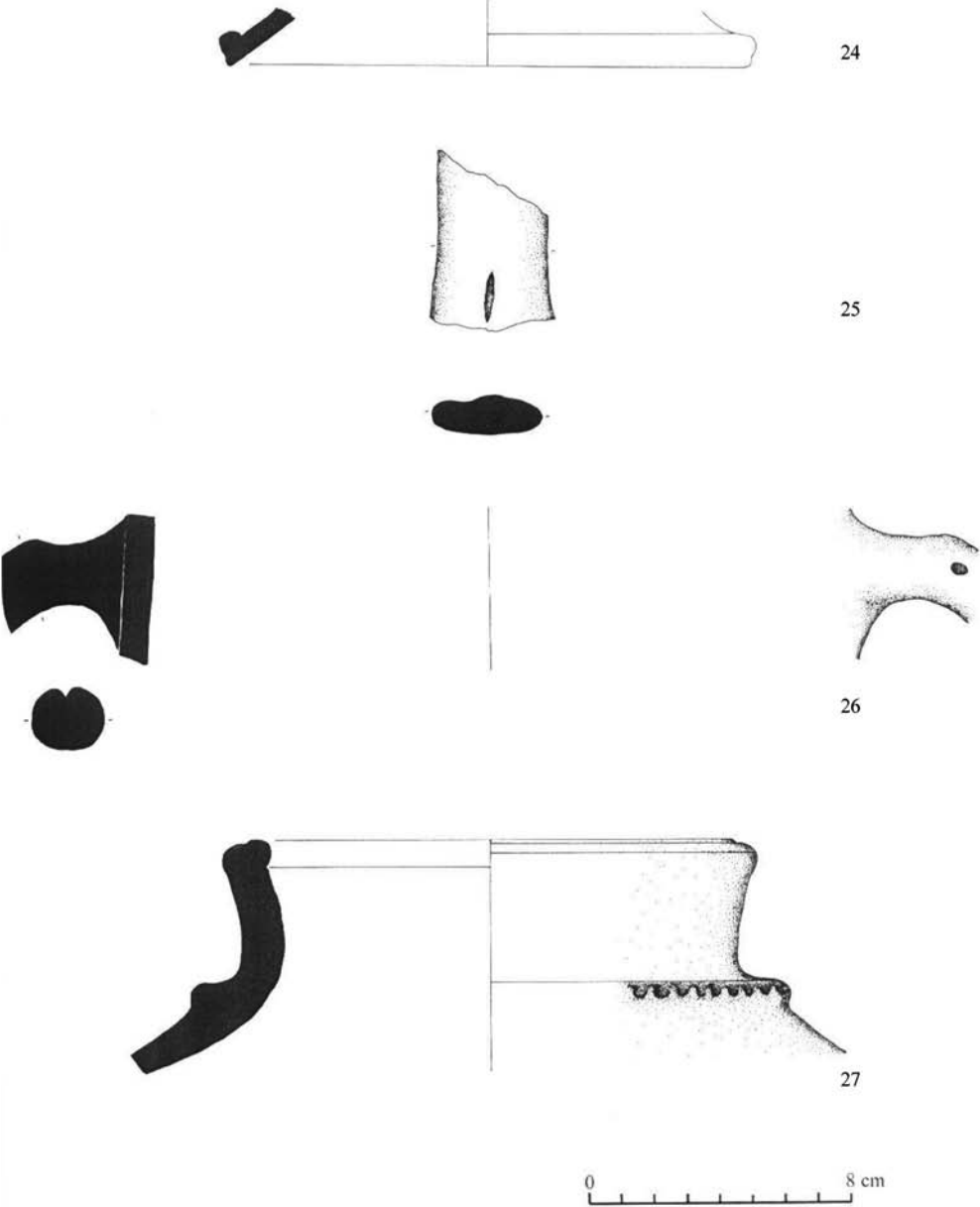


Fig. 12 – Desenho dos materiais cerâmicos.

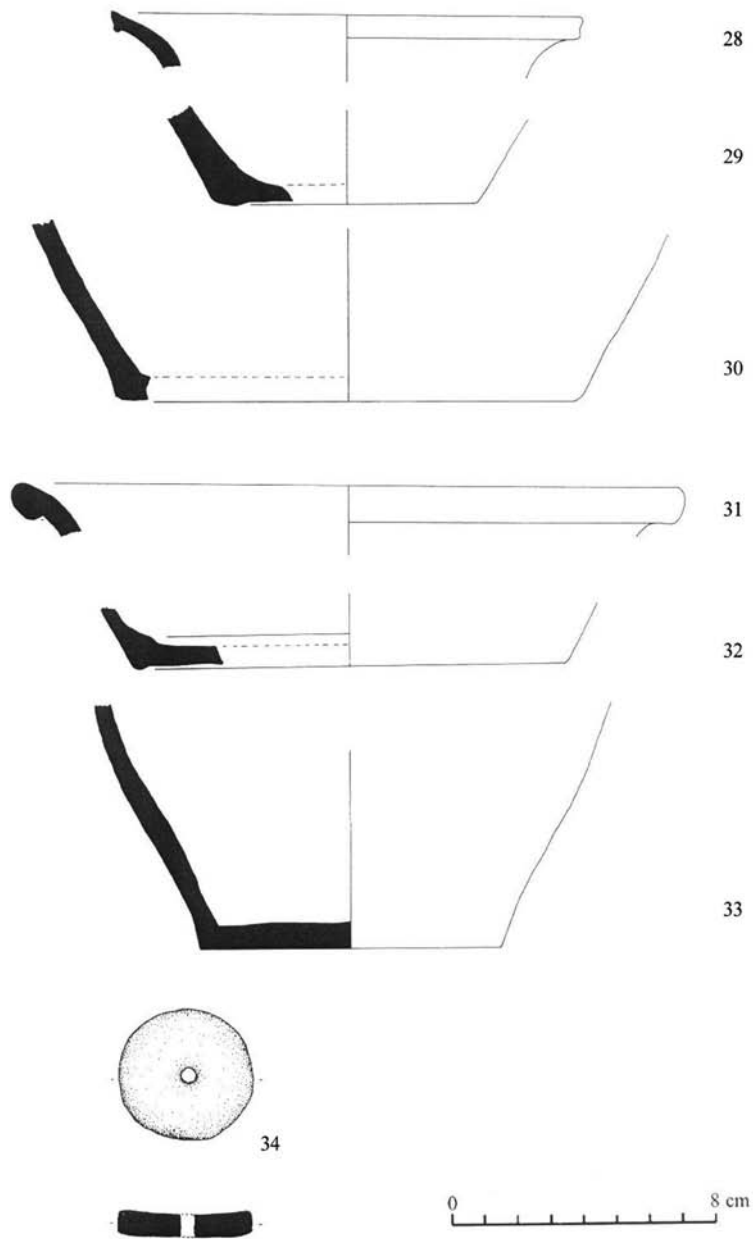


Fig. 13 – Desenho dos materiais cerâmicos.

18. Cerâmica comum (SCT 00 SB1 00)

Descrição: Fragmento de bordo com arranque superior de asa. Pasta de cor beje (7B3) com vestígios de mica e feldspato. Feito à roda com uma cozedura em ambiente oxidante.

19. Cerâmica comum (SCT 00 SB1 01)

Descrição: Fragmento de bordo de vaso com paredes quase verticais. Pasta de cor avermelhada (7B7) com fina mica quartzo e feldspato. Encontra-se decorado com incisões profundas horizontais. Feito à roda com uma cozedura em ambiente oxidante.

20. Cerâmica comum (SCT 01 SB1 04)

Descrição: Fragmento de bordo com arranque superior de asa de vaso de forma aberta. Pasta de cor beje acinzentado (4C2) com fina mica, grãos de quartzo e feldspato. Feito à roda com uma boa cozedura em ambiente semi-redutor.

21. Cerâmica comum (SCT 01 SB1 04)

Descrição: Fragmento de asa em toro. Pasta de cor cinzenta (6B1), depurada com fina mica e finos grãos de quartzo e feldspato. Encontra-se decorada com profundas incisões verticais. Boa cozedura em ambiente redutor.

22. Cerâmica comum (SCT 01 SB1 04)

Descrição: Fragmento de asa boleada com decoração de riscas oblíquas paralelas a brunido. Pasta de cor alaranjada (5C5) com fina mica e grãos de quartzo e feldspato. Apresenta um cerne de cor acinzentada (3D3). Cozedura em ambiente oxidante.

23. Cerâmica comum (SCT 01 SB1 04)

Descrição: Fragmento de asa boleada com golpe profundo no dorso. Pasta de cor alaranjada (6B3) com mica, quartzo e feldspato. Apresenta um cerne cinzento (3C2). Feito à roda com uma cozedura em ambiente oxidante.

24. Cerâmica comum (SCT 00 SB1 05)

Descrição: Fragmento de aba de testro. Pasta de cor cinzenta (6F2), muito depurada com vestígios de mica. Feito à roda com uma boa cozedura em ambiente redutor.

25. Cerâmica comum (SCT 01 SB1 06)

Descrição: Fragmento de asa em fita boleada. Pasta de cor castanha acinzentada (6B2) com mica quartzo e feldspato. Encontra-se decorada com um golpe profundo. Cozedura em ambiente oxidante.

26. Cerâmica comum (SCT 01 SB1 06)

Descrição: Fragmento de asa em toro com profunda incisão no dorso e três punções laterais. Pasta de cor castanho acinzentado (6B2) com grãos de mica, quartzo e feldspato. Vaso feito à roda, com uma cozedura em ambiente oxidante.

27. Cerâmica comum (SCT 01 SC 00)

Descrição: Fragmento de bordo de vaso. Pasta de cor bege acinzentado (5B2), com grãos de mica, quartzo e feldspato. Encontra-se decorado com uma barra de reforço imitando cordado em serpentina denticulada. Feito à roda com uma cozedura em ambiente redutor.

28. Cerâmica comum (SCT 01 SC 00)

Descrição: Fragmento de bordo de vaso de forma aberta. Pasta de cor cinzenta (4E1), com fina mica, quartzo e feldspato. Feito à roda com uma cozedura em ambiente redutor.

29. Cerâmica comum (SCT 01 SC 00)

Descrição: Fragmento de fundo levemente côncavo. Pasta de cor castanha escura (5D2), com grãos de mica, quartzo e feldspato. Feito à roda com uma cozedura em ambiente redutor.

30. Cerâmica comum (SCT 01 SC 00)

Descrição: Fragmento de fundo de vaso. Pasta de cor cinzenta (5C1), com rara e fina mica, quartzo e feldspato. Feito à roda com uma cozedura em ambiente redutor.

31. Cerâmica comum (SCT 01 SC 02)

Descrição: Fragmento de bordo de vaso de forma aberta. Pasta de cor cinzenta escura (7F1), com fina mica, quartzo e feldspato. Feito à roda com uma cozedura em ambiente redutor.

32. Cerâmica comum (SCT 01 SC 02)

Descrição: Fragmento de fundo de vaso. Pasta de cor cinzenta (7E1), com fina mica, quartzo e feldspato. Feito à roda com uma cozedura em ambiente redutor.

33. Cerâmica comum (SCT 01 SF 00)

Descrição: Fragmento de fundo de vaso. Pasta de cor cinzenta escura (7F1), com rara e fina mica. Feito à roda com uma cozedura em ambiente redutor.

34. Cossoiro (SCT 01 SC 03 n.º reg. 6)

Identificação: cossoiro

Descrição: Cossoiro em cerâmica de pasta de cor cinzenta clara (7E1), com fina mica e feldspato. A ligeira curvatura que apresenta assim como os vestígios de roda, apontam para o reaproveitamento de um fragmento de cerâmica ao qual foi efectuada uma perfuração central. Cerâmica original feita à roda com uma cozedura em ambiente redutor.

A tipologia das cerâmicas aponta para formas abertas, de médias e grandes dimensões, salientando-se o cântaro.

As decorações detectadas são bem típicas da idade média, predominando as incisões profundas, horizontais e verticais, e as punções; no entanto, existem outras, como a serpentina denticulada, quase que uma imitação do cordado, e uma asa apresenta ainda um brunido de riscas oblíquas.

O cossoiro exumado é um reaproveitamento de uma forma cerâmica, dada a ligeira curvatura que apresenta.

3. Considerações finais

O Monte da Senhora do Castelo apresenta condições geográfico-estratégicas muito específicas sobre um amplo território, com uma visibilidade excepcionais.

O facto de ter uma pequena área para o estabelecimento de um habitat, poderá colocar a hipótese da sua funcionalidade desde a época Calcolítica à Idade do Ferro estar interligada com o vasto santuário de gravuras ao ar livre.

Nesta linha de pensamento, poderá então existir uma “tradição em relação a uma certa religiosidade”, que poderá posteriormente ter sido retomada em época medieval, obviamente com um esquema totalmente diferente, e seguindo os cânones religiosos de então, nomeadamente os cristãos, com a construção de um pequeno templo e implantação de uma necrópole datada de meados do Séc. XII.

A primeira linha de muralhas ser posterior às estruturas supramencionadas, colocando-se em hipótese de ser de inícios do Séc. XIII.

O estudo dos materiais cerâmicos e metálicos, assim como o numisma, corroboram as cronologias já referidas.

Agradecimentos

Agradece-se ao Parque Arqueológico de Foz Côa e à Junta de Freguesia de Urros a possibilidade de realização desta intervenção arqueológica, e ao Jorge Sampaio e Fernando Barbosa pelos desenhos dos esqueletos.

Bibliografia

- ARDANAZ ARRANZ, F. (2000) – *La necrópolis visigoda de Cacera de la Ranas (Aranjuez, Madrid)*. Madrid: Consejería de Educación / Comunidad de Madrid.
- BARROCA, M.J. (1987) – *Necrópoles e sepulturas medievais de Entre-Douro-e-Minho (séc. V-XV)*. Porto: FLUP. Trabalho apresentado no âmbito das provas públicas de aptidão pedagógica e capacidade científica.
- BIOANTHROPOS (2000) – *Estudo antropológico dos restos humanos exumados na S.^a do Castelo*. Coimbra: BioAnthropos, Lda. Relatório apresentado.
- COIXÃO, A. N. S. (1999) – *Rituais e cultos de morte*. Freixo de Numão: Associação Cultural, Desportiva e Recreativa de Freixo de Numão.
- COSTA, P^e A. C. da (1706) – *Corografia Portuguesa e descripçam topografica*. Lisboa: Valentim da Costa Deslandes.
- COSTA, M.G. da (1977) – *História do bispado e cidade de Lamego*. Lamego. v. I e II.
- ESTRELA-CÔA (editor) (1998) – *Terras do Côa / da Malcata ao Reboredo, V.^a N.^a Foz Côa*. Vila Nova de Foz Côa: Estrela-Côa, pp. 15-23 e 163-180.
- FERREIRA, C. A. d'A. (1998) – *Torre de Moncorvo – percursos e materialidades medievais e modernas*. Porto: FLUP. Dissertação de mestrado.
- FITA, F. (1913) – Calabria romana. *Boletín da la Real Academia de la Historia*. Madrid. 62, pp. 173-275.
- HEISS, A. (1962) – *Description general de las monedas Hispano-Cristianas [...]*. Zaragoza: Luis Marquina y Marin Editor, v. 1.
- IGE (1994) – *Carta Militar de Portugal 1/25000*. Lisboa: Instituto Geográfico do Exército, f. 141.
- JANSON, H. W. (1989) – *História da Arte*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- LE GOFF, J. (1990) – *O homem medieval*. Lisboa: Editorial Presença.
- LE MOS, F. S. (1993) – *Povoamento Romano de Trás-Os-Montes Oriental*. Braga: Universidade do Minho. v. IIa. Dissertação de doutoramento.
- LÓPEZ QUIROGA, J. (2001) – Fluctuaciones del poblamiento y habitat “fortificado” de altura en el Noroeste de la Península Iberica (ss V-IX). In *Mil anos de fortificações na Península Ibérica e no Magreb (500-1500): Actas do Simpósio Internacional sobre Castelos*. Lisboa: Edições Colibri / C. M. Palmela, pp. 83-91.
- KORNERUP, A. (1967) – *Methuen handbook of colour*. London: Methuen.
- MARTINS, C. M. B. (2002) – A exploração mineira de época romana no castro de Sr.^a do Castelo, Urros. In *Actas do Congresso Internacional sobre Património Geológico e Mineiro*. Lisboa: Museu do Instituto Geológico e Mineiro. pp. 255-264.
- (2008a) – Proto-história e romanização no monte de S.^a do Castelo, Urros, Torre de Moncorvo – análise de materiais. In *Actas do III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior*. Vol. 3. Vila Nova de Foz Côa: A.C.D.R.F.N. pp. 85-95.
- (2008b) – *A exploração mineira romana e a metalurgia do ouro em Portugal*. Braga: Universidade do Minho (Cadernos de Arqueologia. Monografias n.º 14).
- MATTOSO, J. (1992) – *História de Portugal*. Lisboa: Círculo de Leitores, v. II.
- MIRANDA, M. A.; SILVA, J. C. V. da (1995) – *História da Arte Portuguesa, época medieval*. Lisboa: Universidade Aberta.
- MORENO, H. C. B. (1986) – *Os municípios portugueses nos séculos XIII a XVI, Estudos de História*. Lisboa: Editorial Presença.
- MORENO, H. C. B. (1992) – Evolução política. In *Nos Confins da Idade Média*. Porto: IPM / MNSR, pp. 23-26.

- MORENO, H. C. B. (1995) – *História de Portugal Medieval, político e institucional*. Lisboa: Universidade Aberta.
- NETO, J. M. (1975) – *O Leste do Território Bracarense*. Torres Vedras, pp. 17-18, p. 83-95, pp. 103-107, pp. 175-182, pp. 294-314.
- PINTADO, F. A. (1997) – *De Freixo, a Freixo de Espada à Cinta*. Freixo de Espada à Cinta: Câmara Municipal de Freixo de Espada à Cinta.
- REIS, A. M. (1991) – *Origens dos Municípios Portugueses*. Lisboa: Livros Horizonte.
- SANCHES, M. J. (1997) – *Pré-História Recente de Trás-Os-Montes e Alto Douro*. Porto: S.P.A.E., v. II.
- SILVA, A. C. F. (2007) – *A cultura castreja no Noroeste de Portugal*. Paços de Ferreira: Câmara Municipal de Paços de Ferreira.
- SILVA, A. F.; RIBEIRO, M. L. (1991) – *Notícia explicativa da folha 15 – A, Vila Nova de Foz Côa*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal.
- TAVARES, M. J. F. (1992) – *História de Portugal Medieval, economia e sociedade*. Lisboa: Universidade Aberta.